

## A MOLDURA DOS TEMPOS

Manoel de Andrade

Cada dia é um devir inquietante,  
um enredo que anuncia a tempestade  
e a bonança...?  
ah! a bonança é um barco num medonho temporal!

Uma egrégora maligna comanda o turbilhão,  
é a frequência subliminar que domina o mundo,  
a combustão da história,  
o trágico espasmo da vida,  
o tumulto e a fúria linchando as derradeiras utopias.



Cleto de Assis

Na moldura dos tempos cada alma revela o seu retrato,  
entre a incredulidade dos "sábios" e a fé de uma criança,  
transita a expectativa dos homens...

São dias sem bandeiras,  
quando a verdade se envergonha da "justiça",  
as togas e os mandatos acumpliciados na ambição,  
os crimes lavados na corte dos "eleitos"  
e os vilões absolvidos nesse palco de trapaças.

Até quando assistiremos a esse fatídico cenário?  
Quem apagará as luzes dessa medonha ribalta?

Até quando, Senhor, suportaremos tanta ignomínia?

Nessa república de escândalos,  
a corrupção gargalha da história.  
Nos palanques da ilusão,  
máfias partidárias e alianças promíscuas  
maquiam seus patéticos contendores.  
São dois bandos que disputam  
contra a voz meiga e solitária da esperança.  
É um ritual insuportável,  
onde o poder trama as suas dinastias,  
as ideologias são negociadas  
e nas tribunas se mascara a hipocrisia.  
Eis o reduto oficial dos futuros saqueadores,  
festejando sua agenda eleitoral em sórdidos banquetes,  
ante a súplica inconsolável no olhar dos miseráveis.

Não quero o esquecimento,  
não aceito o silêncio,  
sou a acusação e a profecia  
vivo num tempo de iniquidades e presságios,  
numa pátria humilhada pela impunidade,  
comandada por homens sujos e soturnos  
e eis porque hoje meu canto surge assim crispado,  
testemunhando o impasse e esperando novos dias.  
Sei que não se engana a posteridade,  
que nessa nau dos insensatos toda perfídia será nominada,  
todas as máscaras cairão.

Sei também que um lento alvorecer anunciará o amanhã,  
e que a fé e a decência viverão muito além desse holocausto.  
Mas até quando, Senhor, combateremos esse combate?  
Há uma música sinistra e constante,  
martelando, sem limites, em toda parte,  
e eu e tantos outros não toleramos essa assuada.  
Canto para os homens honrados e para os cultores da beleza  
e vos peço perdão por tanto desencanto,  
por vos dar meu verso sombrio e indignado,  
e esse febril retrato da esperança.

Curitiba, 04 de julho de 2014